

## **A dualidade de perfis dos professores orientadores no contexto acadêmico: implicações associadas**

**The duality of profiles teachers advisers in the academic context: associated implications**

**La dualidad de los perfiles docentes assessores en el contexto académico: implicaciones asociadas**

Recebido: 08/02/2023 | Revisado: 15/02/2023 | Aceitado: 16/02/2023 | Publicado: 21/02/2023

**Carolina Cassiano**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3549-2538>  
Universidade de São Paulo, Brasil  
E-mail: [carolinacassiano@usp.br](mailto:carolinacassiano@usp.br)

**Vinícius Henrique Almeida Guimarães**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7411-3353>  
Universidade de São Paulo, Brasil  
E-mail: [viniciushag@gmail.com](mailto:viniciushag@gmail.com)

**Jurema Ribeiro Luiz Gonçalves**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6971-5296>  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
E-mail: [jurema.goncalves@uftm.edu.br](mailto:jurema.goncalves@uftm.edu.br)

### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi analisar os perfis de professores orientadores no contexto da pós-graduação. Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, analisado de acordo com a análise temática indutiva. Realizou-se uma entrevista semiestruturada e audiogravada com 38 estudantes de mestrado e 35 de doutorado, vinculados a um programa de pós-graduação *stricto sensu* da área da saúde, de uma universidade pública brasileira, dos quais 14 relataram implicações associadas à orientação de docentes. A partir disso, construiu-se uma categoria denominada: “A dualidade de perfis dos professores orientadores no contexto acadêmico” e duas subcategorias: “O perfil de professores orientadores que orientam efetivamente” e “O perfil de professores orientadores com orientações insatisfatórias e/ou inadequadas”. Verificou-se que profissionais com um perfil mais empático, os quais oferecem suporte e norteiam o desenvolvimento da pesquisa, corroboram para um percurso mais agradável e possibilitam a construção de vínculo. Todavia, professores orientadores que não orientam o aluno, ou executam orientações insatisfatórias e/ou inadequadas, hierarquizam a relação, dificultam a comunicação por meio do distanciamento e de barreiras impostas, tornando o processo de desenvolvimento acadêmico extremamente dificultador. Ademais, desencadeiam-se também repercussões emocionais significativas na vida do aluno advindas desta relação. Torna-se essencial que os professores orientadores busquem orientar seus alunos efetivamente, ratificando o compromisso intelectual, social e afetivo. Assim, estes profissionais podem desenvolver produções científicas exitosas e, consequentemente, exprimir seu legado positivo e humanizado, por meio do cuidado emocional e da qualidade no ensino e na pesquisa para com os futuros docentes e pesquisadores do país.

**Palavras-chave:** Educação de pós-graduação; Ensino; Programas de pós-graduação em saúde; Docentes; Estudantes; Pessoal de educação.

### **Abstract**

The objective of this study was to analyze the profiles of mentoring professors in the postgraduate context. It was a descriptive, exploratory study, with a qualitative approach, analyzed according to the inductive thematic analysis. A semi-structured and audio-recorded interview was conducted with 38 master's and 35 doctoral students, linked to a *stricto sensu* postgraduate program in the health area, at a Brazilian public university, of which 14 reported implications associated with the guidance of professors. From this, a category called: “The duality of profiles of guiding professors in the academic context” and two subcategories were constructed: “The profile of guiding professors who effectively guide” and “The profile of tutors with unsatisfactory and/or inadequate guidance”. It was found that professionals with a more empathetic profile, who offer support and guide the development of the research, corroborate for a more pleasant journey and enable the construction of bonds. However, tutors who do not guide the student, or provide unsatisfactory and/or inadequate guidance, hierarchize the relationship, hinder communication through distance and imposed barriers, making the academic development process extremely difficult. Furthermore, significant emotional repercussions are also triggered in the student's life resulting from this relationship. It is essential that mentoring teachers seek to effectively guide their students, confirming their intellectual, social and affective commitment. Thus, these professionals can develop successful scientific productions and, consequently, express their

positive and humanized legacy, through emotional care and quality in teaching and research for future teachers and researchers in the country.

**Keywords:** Education, graduate; Teaching; Health postgraduate programs; Faculty; Students; Educational personnel.

### Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar los perfiles de profesores mentores en el contexto de posgrado. Fue un estudio descriptivo, exploratorio, con abordaje cualitativo, analizado según el análisis temático inductivo. Se realizó una entrevista semiestructurada y grabada en audio con 38 estudiantes de maestría y 35 de doctorado, vinculados a un programa de posgrado *stricto sensu* en el área de la salud, en una universidad pública brasileña, de los cuales 14 relataron implicaciones asociadas a la orientación de los profesores. A partir de ello, se construyó una categoría denominada “La dualidad de perfiles de profesores orientadores en el contexto académico” y dos subcategorías: “El perfil de profesores orientadores que orientan efectivamente” y “El perfil de los tutores con orientación insatisfactoria y/o inadecuada”. Se constató que profesionales con un perfil más empático, que ofrecen apoyo y guían el desarrollo de la investigación, corroboran para un trayecto más placentero y posibilitan la construcción de vínculos. Sin embargo, los tutores que no orientan al estudiante, o brindan una orientación insatisfactoria y/o inadecuada, jerarquizan la relación, dificultan la comunicación a través de la distancia e imponen barreras, dificultando en extremo el proceso de desarrollo académico. Además, también se desencadenan importantes repercusiones emocionales en la vida del estudiante derivadas de esta relación. Es fundamental que los docentes tutores busquen orientar de manera efectiva a sus alumnos, confirmando su compromiso intelectual, social y afectivo. Así, estos profesionales podrán desarrollar producciones científicas exitosas y, en consecuencia, expresar su legado positivo y humanizado, a través del cuidado emocional y la calidad en la docencia y la investigación para los futuros docentes e investigadores del país.

**Palabras clave:** Educación de postgrado; Enseñanza; Programas de posgrado en salud; Docentes; Estudiantes; Personal docente.

## 1. Introdução

A ciência tem como uma de suas principais finalidades produzir conhecimento e a produção científica é oriunda das investigações frente às problemáticas de pesquisa. Neste processo, a orientação é substancial e ocorre em diversos âmbitos, tais como: cursos técnicos de nível médio, graduação, iniciações científicas, especializações, residências, mestrado e doutorado. O pós-doutorado não se constitui como um grau acadêmico, logo não exhibe a figura do professor orientador. Portanto, há apenas um supervisor de mesma titulação, doutor, o qual acompanha o estudo desenvolvido (Lopes *et al.*, 2020). Destarte, a pós-graduação *stricto sensu* tem o potencial de impactar positivamente na carreira do indivíduo, sobretudo em virtude do desenvolvimento intelectual e das competências adquiridas (Cerqueira *et al.*, 2022). No entanto, o ingresso na pós-graduação, seja na modalidade mestrado ou doutorado, em geral, constitui-se como uma experiência singular na vida do estudante, pautada por transformações, as quais são traduzidas pelas expectativas quanto à nova etapa de vida e pelas demandas a serem vivenciadas (Gandra & Rocha, 2019).

Nesse sentido, a relação orientador e estudante no contexto acadêmico, mais especificamente nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, delinea-se por facetas ora facilitadoras, ora dificultadoras. As primeiras são marcadas pelo convívio pacífico, vínculo e produções exitosas; em contrapartida às segundas, desveladas por situações conflituosas e tensões. Estas conjunturas dificultadoras no processo relacional de ambos – professor e orientando – acarretam impactos tanto no êxito da pesquisa (Lopes *et al.*, 2020), quanto no ensino e no emocional dos envolvidos. Segundo Guthrie *et al.* (2018), as demandas da pós-graduação, associadas à falta de apoio do orientador, podem também desencadear no estudante de pós-graduação repercussões emocionais importantes, como a depressão.

Segundo Medeiros *et al.* (2015), elementos dificultadores na orientação são: a reduzida participação dos orientadores, quantidade excessiva de orientandos, pouco engajamento do estudante com a pesquisa e afinidade entre orientador e orientando. Salienta-se que em um estudo realizado com alunos de doutorado na França, 55% dos participantes possuíam bom relacionamento com o orientador, entretanto análises demonstraram que histórico de doenças psiquiátricas, condições estressantes de trabalho e uma relação dificultosa com o orientador podem contribuir para o desencadeamento de ansiedade e depressão nesses alunos (Ahalli *et al.*, 2022).

Um relacionamento harmonioso entre o professor orientador e o estudante tem um papel crucial na realização de um mestrado ou doutorado (Costa & Nebel, 2018), bem como para o êxito do curso, execução da pesquisa e desenvolvimento profissional do discente (Young *et al.*, 2019). Gandra e Rocha (2019) expõe que os desafios vivenciados por orientadores e orientandos são peculiares e com motivações variadas, todavia a superação dessas adversidades implica em um compromisso para ambas as partes. O cumprimento de prazos, atribuições e limitações são circunstâncias que podem culminar em conflitos. Quando bem geridos, esses fatores promovem nos envolvidos crescimento e amadurecimento, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional.

Os estudos sobre a relação orientador e estudante no Brasil e os impactos advindos desta convivência ainda são escassos, o que denota a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que investiguem esta temática (Nóbrega, 2018), e possibilitem divulgações científicas e sociais que impactem em mudanças neste processo relacional. Em face ao exposto, o objetivo deste estudo consistiu em analisar os perfis de professores orientadores no contexto da pós-graduação.

## 2. Metodologia

Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa dos dados. A pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar, traduzindo o significado dos acontecimentos do mundo social por meio da observação dos significados das relações humanas. Assim, consideram-se as opiniões, crenças, relações sociais, ações humanas e representações na perspectiva dos envolvidos quanto à intersubjetividade (Minayo, 2012).

Utilizou-se a seguinte questão norteadora: “Quais os aspectos facilitadores e dificultadores da pós-graduação?” A partir dos resultados encontrados, foi emergida a categoria: “A dualidade de perfis dos professores orientadores no contexto da pós-graduação”, a qual será enfatizada neste estudo.

A coleta de dados foi realizada de setembro a dezembro de 2019. Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos, matriculado no curso de mestrado ou doutorado de um programa de pós-graduação *stricto sensu* da área da saúde, de uma instituição pública de ensino, no interior do estado de Minas Gerais, Brasil. Os critérios de exclusão foram: estudantes de pós-graduação com matrículas suspensas ou que se recusassem ao estudo.

Desse modo, o percurso metodológico foi composto pelas seguintes etapas: 1) revisão da produção científica sobre a temática apresentada; 2) entrevista semiestruturada com mestrandos e doutorandos; 3) análise dos resultados a partir das produções científicas. Ressalta-se que, dos 98 pós-graduandos matriculados no programa de pós-graduação selecionado, 73 aceitaram participar da pesquisa. A seleção foi definida de forma não probabilística intencional, ou seja, julgamento, sendo encerrada por saturação de dados, ocasião em que o acréscimo de informações e dados não alteram a compreensão do fenômeno evidenciado (Nascimento *et al.*, 2018).

Realizou-se entrevistas individuais, audiogravadas, mediante autorização dos participantes, em sala reservada na instituição de ensino, com duração média de 15 minutos. Para a identificação da modalidade de estudo de cada entrevistado (a) – mestrado ou doutorado, utilizou-se nomes de pedras preciosas antecedidos da inicial (M) correspondente a mestrando (a), e (D) doutorando (a).

O método empregado para análise de dados foi a análise temática indutiva, inserida na proposta de Braun e Clarke (2006). Os conteúdos das falas dos entrevistados foram analisados à luz da fundamentação teórica do estudo. A partir disso, foram conceituadas categorias de análise por eixos temáticos, observando padrões de sentido (Braun & Clarke, 2006) existentes nas falas dos entrevistados.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 47305115.5.0000.5154. Cada participante foi esclarecido quanto aos objetivos do estudo e recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

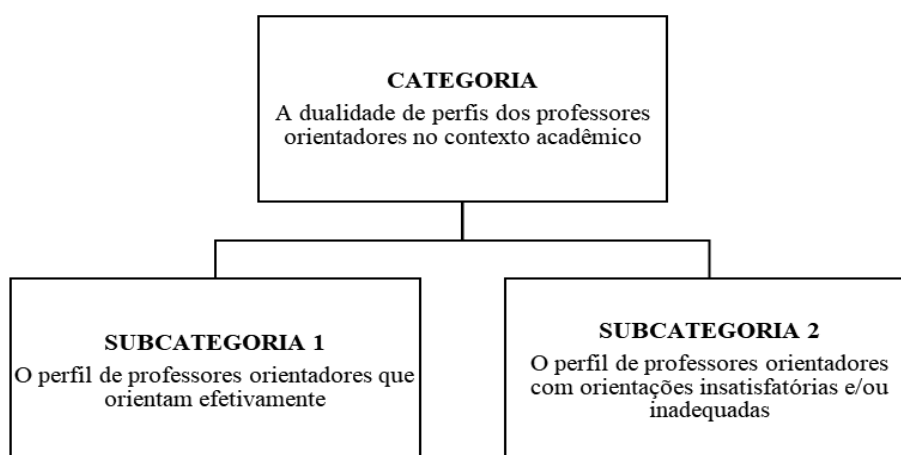
### 3. Resultados

Participaram do estudo 73 pós-graduandos, sendo 38 (52%) estudantes de mestrado e 35 (48%) de doutorado. No que concerne ao gênero, prevaleceu o feminino com 63 (86%) entrevistadas. Quanto ao estado civil, 34 (47%) se declararam casados, 36 (49%) solteiros e 3 (4%) em união estável; a idade variou de 23 a 53 anos.

Os participantes foram pós-graduandos de diversas categorias profissionais, sendo: 54 (74%) Enfermeiros, 1 (1%) Farmacêutico, 6 (8%) Fisioterapeutas, 1 (1%) Fonoaudiólogo, 7 (10%) Nutricionistas, 1 (1%) Odontólogo, 1 (1%) Profissional de Educação Física e 2 (3%) Terapeutas Ocupacionais. Dos entrevistados, 14 (19%) abordaram aspectos relacionados ao professor orientador mediante uma perspectiva facilitadora e/ou dificultadora.

A partir da categoria primária: “A dualidade de perfis dos professores orientadores no contexto acadêmico”, foram formadas duas subcategorias, sendo a primeira intitulada: “O perfil de professores orientadores que orientam efetivamente”; e a segunda subcategoria denominada: “O perfil de professores orientadores com orientações insatisfatórias e/ou inadequadas.” A divisão das subcategorias está representada na Figura 1:

**Figura 1** – Apresentação da categoria e das subcategorias.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

#### **Subcategoria 1: O perfil de professores orientadores que orientam efetivamente**

Os perfis de professores orientadores são variados a depender da personalidade e das atitudes no processo de orientação. O perfil de orientadores empáticos possibilita que o pós-graduando se sinta estimulado a prosseguir com o curso. Os alunos veem nesses orientadores, inspirações e modelos de profissionais a serem seguidos:

*“Minha orientadora foi uma grande motivação para eu continuar e também um espelho, porque eu quero ser igual”* (AMETISTA-D).

O orientador com um perfil mais humanizado, que observa as reais necessidades do aluno, o que é humanamente justo de ser executado, possibilita ao pós-graduando o desenvolvimento do curso de forma mais apazível, além de se sentir seguro e apoiado:

*“Você pode contar com ele na sua trajetória de mestrado ou de doutorado, eu acho que isso faz toda a diferença, te traz mais segurança”* (CRISTAL-D).

*“Minha orientadora é muito realista no sentido do que é possível, o que é humanamente justo de um pós-graduando executar”* (PÉROLA-D).

Orientadores mais empáticos corroboram para evitar o adoecimento, ou quando isso ocorre por outras razões, o profissional possui manejo ao lidar com o seu orientando:

*“O orientador com esse perfil mais humanizado ajuda para que o aluno não fique adoecido ou quando ele fica adoecido, ele tem mais compreensão e faz um trabalho mais leve, o aluno consegue ir fazendo as etapas com mais calma”* (OPALA-M).

O acolhimento fornecido pelo professor orientador possibilita a construção de um vínculo significativo – o que por si só já corrobora com o aprendizado do aluno. Além disso, a colaboração, presença e solicitude do profissional são fatores observáveis e elogiáveis por parte do pós-graduando.

## **Subcategoria 2: O perfil de professores orientadores com orientações insatisfatórias e/ou inadequadas**

As características dos professores orientadores vão sendo percebidas pelos seus alunos. A princípio, ter um orientador pode desenvolver no pós-graduando um sentimento de acolhimento e a noção de suporte no processo de realização de um mestrado ou doutorado. No entanto, neste percurso são descobertas e vivenciadas situações que modificam esta primeira impressão:

*“Existem vários perfis porque estamos tratando de pessoas: têm pessoas que são mais adeptas ao diálogo, têm pessoas que são mais fechadas e eles passam isso na sua orientação”* (PÉROLA-D).

*“A palavra orientador já te traz uma sensação de aconchego: vou ser orientado, vou ter alguém para me ajudar, para me orientar, qualquer coisa eu tenho a quem recorrer... e aí a gente descobre que não é bem assim”* (SAFIRA-M).

As cobranças são observadas pelos alunos como necessárias, entretanto muitos orientadores não são compreensivos e empáticos o que dificulta o desenvolvimento da pós-graduação e da execução do projeto:

*“Tem toda uma cobrança, isso é importante, mas acredito que existem limites”* (AMETISTA-D).

*“Há falta de compreensão e empatia por parte do orientador”* (TURQUESA-M).

*“Se o orientador não souber lidar com o pós-graduando, nós vamos ter abandono em pós-graduação também por conta dessa falta de empatia com o orientando”* (RUBI-D).

Além disso, foi relatada uma hierarquização nas relações, a qual culmina em distanciamento e falta de comunicação entre o professor orientador e o aluno. Como resultante dessas condutas, a execução do projeto de pesquisa e as orientações efetivas são impossibilitadas de serem exercidas em sua plenitude:

*“Existe uma hierarquização, um bloqueio em relação a essa comunicação”* (ESMERALDA-D).

*“É difícil construir um vínculo, a distância entre o orientador e o aluno existe”* (DIAMANTE-M).

O sentimento de orgulho, controle, poder e superioridade do orientador também foram salientados como elementos dificultadores nesta relação:

*“Porque para o orientador, ele já conseguiu o cargo dele, ele já tem a estabilidade dele, quem está correndo atrás é o aluno, então ele que tem se virar, tentar, procurar, buscar... então alguns orientadores deixam isso muito evidente: ‘ah o interesse é seu, você que tem que correr atrás, você que tem que vir atrás de mim.’ Isso é muita questão de orgulho porque eles gostam de ter esse controle, eles gostam de ter essas pessoas em volta”* (JADE-D).

*“A gente vê que o orientador ele tem uma posição de poder em cima de você e está certo porque ele tem mais experiência, já está nessa vida há muito tempo, então óbvio que ele tem muito mais conhecimento que você. Mas às vezes você vê um certo menosprezo do seu próprio conhecimento. Mas não, aluno não pode ser melhor que professor. Então entra essa questão de orgulho, de às vezes o professor tentar te diminuir de alguma forma para ele se sentir melhor: ‘eu mando você obedece, o problema é seu, você se vira, você sabia que era assim’”* (PÉROLA-D).

Mediante esta realidade dificultadora – desencadeada pelas condutas do orientador – as cobranças excessivas e as limitações de desenvolvimento do aluno são evidenciadas como adversidades durante a vida acadêmica do pós-graduando:

*“O orientador acaba sendo o principal fator dificultador. Os orientadores cobram mesmo e não te dão muito meio de você trabalhar e se desenvolver” (ÔNIX-D).*

Ademais, condutas que não promovem um direcionamento efetivo quanto ao desenvolvimento do trabalho trazem um sentimento de abandono e desorientação:

*“A minha experiência é de entregar o trabalho e a orientadora falar assim: ‘olha está muito ruim, faça de novo.’ E eu não sei nem onde eu tenho que corrigir, o que eu tenho que melhorar” (ÔNIX-D).*

O perfil e as condutas do orientador, que não exerce a sua função de orientar o aluno, culminam em repercussões emocionais importantes. No relato abaixo, situações de choro e nervosismo foram vivenciadas:

*“Isso me desmotiva e às vezes a gente sai até chorando, sai nervoso com essa situação” (PEDRA DA LUA-D).*

Diante das atitudes dos professores orientadores, consequências severas ocorrem quando o contexto se torna insustentável para o aluno. Neste estágio, pode ocorrer mudança de conduta do professor orientador, porém o impacto no emocional do aluno e a barreira na relação de ambos já foi instaurada:

*Minha orientadora não me ajudou em nada eu tive que correr atrás de tudo sozinha, aí o dia que eu cheguei lá para ela chorando, surtada, falando que eu ia largar tudo, aí que ela começou a me dar mais apoio (TANZANITA-M).*

A partir deste contexto, algumas propostas para mudança de comportamento que auxiliariam no processo de orientação e no desenvolvimento, seja do mestrado ou do doutorado, foram enfatizadas por alguns pós-graduandos:

*Pelo menos o orientador mostrar que está se importando com o pós-graduando, pelo menos mandar uma mensagem perguntando: ‘está dando tudo certo?’ Uma coisa simples que pode ser feita e que já ajuda muito porque aí a pessoa sente que realmente tem um apoio (TANZANITA-M).*

*“Ele poderia ser um pouco mais parceiro porque ele é o nosso apoio aqui dentro” (PEDRA DA LUA-D).*

*“O orientador é o nosso esteio, é a pessoa que tem o conhecimento para nos ajudar” (TOPÁZIO-D).*

Torna-se um paradoxo o aluno de pós-graduação propor estratégias de como deveria ser orientado, uma vez que já deveria ser natural, por parte do orientador, a execução de uma orientação digna, empática e profissional. Entretanto, a partir de uma realidade na qual muitos professores orientadores não exercem, de fato, o seu papel, as experiências e vulnerabilidades pelas quais muitos desses estudantes vivenciam, possibilitam reflexões de como esta orientação poderia ser realizada, como apresentado nos relatos abaixo:

*Tem que exercer o papel dele de orientar, de explicar e mostrar o caminho: um orientador que senta, te explica o que ele espera, quando você manda um trabalho para ele, um artigo ou esboço de um projeto, que ele corrija e aponte para você os seus erros e onde você poderia melhorar (ÔNIX-D).*

*“Eu acho que se fosse uma relação mais horizontal, onde os dois estão aprendendo e se aceitam como iguais, onde ambos têm coisas para aprender e ambos têm coisas para ensinar, seria muito mais saudável” (JADE-D).*

Nesse sentido, foi salientada inclusive uma necessidade de capacitação com o professor orientador de pós-graduação, a qual possibilitaria maneiras efetivas de se relacionar com o orientando e nortear o processo de trabalho no mestrado ou doutorado:

*Eu acho que a gente precisa capacitar o professor da pós-graduação para lidar com o pós-graduando. Ele não sabe lidar, ele tem o título, ele tem cursos, ele participou de congressos, mas ele não sabe lidar com o aluno dele. Ele pode dar uma aula perfeita, mas ele não sabe lidar com essa questão do trabalho, com a motivação e com o aluno dele (RUBI-D).*



#### 4. Discussão

Neste estudo, observou-se a dualidade de perfis dos professores orientadores, sendo que os estudantes relataram características e situações positivas no processo de orientação, em detrimento de ocorrências negativas e prejudiciais para a formação acadêmico-profissional e pessoal. Conforme expõe Lopes *et al.* (2020), o conhecimento – no âmbito da pós-graduação – não ocorre isoladamente; trata-se de uma construção coletiva que carece de interações, sobretudo entre o orientador e o orientando. No entanto, em muitas situações, esta interação é marcada por conflitos, discórdias e angústias. Tal realidade impacta diretamente na produção científica desenvolvida e na perspectiva do estudante quanto à área.

Segundo Gandra e Rocha (2019), o processo de orientação é dividido por vertentes distintas: a) quesito intelectual – centrado nas contribuições do docente, atividades do programa de pós-graduação e desenvolvimento do projeto de pesquisa; b) quesito social – abarca o processo de orientação, bem como a formação do futuro docente/pesquisador e à percepção do orientador enquanto um condutor; c) quesito afetivo – expresso pelo apoio emocional oferecido ao aluno, norteador na formação acadêmica.

Espera-se que o acompanhamento durante a pesquisa ocorra de maneira mais próxima, de modo que haja interações, sugestões e compartilhamento de conhecimentos. Entretanto, segundo Costa *et al.* (2014), os modelos de orientação mais próxima (*hands on*) ou mais distante (*hands off*) são viáveis a depender da maturidade/experiência do aluno com o meio acadêmico, mas principalmente da sensibilidade do orientador em perceber o que é mais adequado para seu orientando durante o curso. Nessa direção, é esperado que alunos de doutorado conduzam sua pesquisa de forma mais autônoma, em detrimento dos alunos de mestrado, que em geral, carecem de acompanhamentos mais próximos devido à inexperiência na pós-graduação – mas isso não é uma regra. Este estudo evidenciou que mesmo estudantes de doutorado sentem insuficiência nas orientações, necessitando de suporte para o processo de desenvolvimento do estudo, seja por meio de um amparo eficaz do ponto de vista intelectual e afetivo.

Ratificando o exposto, os autores Gandra e Rocha (2019), analisam que para o aluno de mestrado, o meio científico pode ser inédito, o que gera ansiedade e aflição. Já para os doutorandos, mesmo tendo vivenciado o mestrado anteriormente e conhecendo, de certa forma o percurso, são requeridas outras responsabilidades, causando, do mesmo modo, estresse e ansiedades.

A pós-graduação, muitas vezes, trata-se de uma etapa da vida acadêmica que se baseia em um projeto de vida almejado pelo aluno; por este motivo, os aspectos emocionais são tão evidenciados nas vivências dos mesmos. Determinados acontecimentos e relações com os orientadores podem desencadear angústia, medo, sofrimento, nervosismo, entre outros. Assim, a figura do orientador é crucial na condução e manejo desta etapa (Costa *et al.*, 2014).

Conforme elucida Frates Cauduro *et al.* (2019), o comportamento empático adotado por estes profissionais formadores é imprescindível em virtude das demandas, apreensões e dificuldades enfrentadas pelos estudantes de pós-graduação. Portanto, inventários que evidenciem a empatia neste contexto podem ser adotados de modo a obter diagnósticos oriundos desta relação.

Segundo Santos *et al.* (2015), a satisfação advinda da relação entre o orientador e o orientando possibilita inclusive a inserção deste último na vida acadêmica de forma mais aprazível, como também observado a partir dos resultados deste estudo. Os estudantes também possuem expectativas quanto aos seus orientadores, no sentido de estes assumirem uma postura disponível no processo de orientação, além de cordialidade e solidariedade. Ademais, a figura do professor orientador pode se constituir como um modelo a ser seguido, tanto de carreira, quanto como um exemplo de vida (Wadee *et al.*, 2017). Tal fato foi verificado também neste estudo, uma vez que alguns pós-graduandos se espelham nos docentes, no sentido de tê-los como referência em suas vidas.

Essa relação entre ambos também pode ser vista como uma genealogia acadêmica, ou seja, as parcerias acadêmicas

são derivadas dessas relações na pós-graduação, consistindo em heranças intelectuais, as quais são provenientes desta convivência. Consequentemente, ocorre a transferência e seguimento do conhecimento científico a partir do que foi aprendido com o orientador e mediante as parcerias que, porventura, podem continuar existindo no percurso acadêmico (Hilário *et al.*, 2017). Ainda quanto à ideia de genealogia, os autores expõem que essa transmissão de conhecimento dos orientadores, grandes especialistas, possibilita uma formação efetiva dos seus sucessores – pesquisadores que podem tornar seus pares futuramente no meio acadêmico (Hilário *et al.*, 2017).

Conforme discutem Lopes *et al.* (2020), um relacionamento interpessoal harmônico no contexto acadêmico, bem como a maneira como os envolvidos – orientadores e orientandos – se percebem neste convívio, são cruciais para o êxito de uma pesquisa. Além da qualidade científica, um relacionamento interpessoal satisfatório possibilita engajamento, produtividade e estímulo para com a carreira profissional. Essas resultantes ocorrem mediante um tratamento empático neste relacionamento, pautado em uma comunicação transparente e horizontalizada, escuta interessada e atenta, respeito às diferenças, inteligência emocional e comprometimento com os prazos. Estes elementos possibilitam o desenvolvimento científico saudável, proveitoso e agradável. Outrossim, a confiança mútua, comunicação efetiva, oferecimento de apoio por parte do professor orientador, oportunidades para o desenvolvimento ao estudante, bem como incentivo à independência e autonomia são influências positivas no processo de orientação (Young *et al.*, 2020).

Destaca-se que mediante esta orientação empática e efetiva, um modelo de orientação pautado na hierarquia e em atitudes impositivas, torna dificultador o desenvolver da ciência. Portanto, é essencial que as orientações sejam realizadas de modo horizontalizado e mediadas por uma construção educativa e formativa, na qual ambos ensinam e aprendem (Costa *et al.*, 2015). Os autores ainda evidenciam que o aluno não deve ser submisso ao orientador e às suas vontades (Costa *et al.*, 2015), no entanto este é outro desafio devido às relações hegemônicas de poder culturalmente reafirmadas e vividas no meio acadêmico (Lopes *et al.*, 2020).

Vale ressaltar que há uma ambivalência, pois em alguns casos a relação com o orientador se constitui como um fator gerador de prazer, mas em outros, trata-se de um convívio que gera sofrimento (Moreira, 2018). Algumas influências negativas neste processo de orientação abarcam o isolamento, desentendimento quanto à execução da pesquisa, comunicação ineficaz, delegações sem suporte e personalidades incompatíveis (Young *et al.*, 2019).

Observa-se que esta relação impacta diretamente no ensino, na pesquisa e no emocional dos estudantes. Segundo Lopes *et al.* (2020), se a convivência entre orientador e orientando não se constituir de maneira harmônica, a produção de conhecimento é diretamente afetada. Assim, esta relação é pautada em fatores profissionais, técnicos e éticos e, mediante ao sistema capitalista, o qual exige intensa produtividade científica, se o convívio é afetado, é impactada também a qualidade e a produtividade dos estudos científicos desenvolvidos.

Salienta-se também a relevância do fornecimento de *feedback*, retorno em relação ao trabalho orientado, o qual corrobora para o aprendizado, bem como o desenvolvimento profissional através de um processo reflexivo (Tariq *et al.*, 2021). Entretanto, há *feedbacks* inconsistentes por parte de orientadores, ocasionando consequências negativas para a qualidade na formação dos orientandos e da sua produção de pesquisa (Muraraneza *et al.*, 2020). Conforme apontado neste estudo, uma avaliação sem clareza por parte do orientador, culmina em desorientação e desmotivação.

A relação orientador e orientando se insere em um cenário de produção científica; assim, é preciso que haja um bom relacionamento, exigindo de ambas as partes o conhecimento de suas atribuições, exercendo-as com compromisso. A dedicação, responsabilidade e disponibilidade são alicerces para constituir todo esse processo (Lopes *et al.*, 2020).

Lopes *et al.* (2020) também expõe que é preciso comprometimento do estudante e disposição na execução da pesquisa e das leituras solicitadas; paralelamente a este compromisso, os orientadores também devem ter capacitações, manejo e aperfeiçoamento de suas habilidades enquanto profissionais. Destaca-se, ainda, que a ética e o respeito, entre ambos, devem ser



primordiais durante toda a orientação, para que se desdobre efetivamente o ensino e a pesquisa.

Portanto, o processo de orientação deve ser executado com a aplicação de uma pedagogia humanizadora na relação orientador e estudante. Assim, o professor deve ser sensível e proceder a orientação com clareza para que haja familiarização com a linguagem científica por parte do aluno, especialmente nos países em desenvolvimento, nos quais se verifica vulnerabilidades e limitações sociais e culturais (Khene, 2014).

O presente estudo possui uma limitação que deve ser citada: tratou-se de uma pesquisa que incluiu estudantes de pós-graduação da saúde de uma universidade pública brasileira. Portanto, a generalização para outros programas, universidades privadas e internacionais deve ser realizada com parcimônia.

## 5. Considerações Finais

É notável a importância do orientador na formação do estudante de pós-graduação e na condução da pesquisa científica. Quando o orientador, de fato orienta, concede oportunidades de desenvolvimento ao pós-graduando, norteando-o de maneira empática para as atividades a serem executadas. Outrossim, guia o aluno a partir dos seus conhecimentos e vivências enquanto professor e pesquisador, além de ter a sensibilidade para apoiá-lo, cultivando não só as dimensões intelectuais e sociais, mas também afetivas.

Observa-se que o aluno que se sente acolhido, confiante e motivado, engaja na vivência acadêmica e tem o orientador como um suporte, além de um exemplo na carreira. Orientadores com este perfil, além de se mostrarem humanizados, também se destacam na vida do aluno e no programa de pós-graduação, evitando que aconteçam evasões e agravos emocionais. Percebe-se, ainda, que são profissionais preocupados com o futuro da pesquisa e da docência no país, uma vez que quando orientam efetivamente, concedem melhor formação ao futuro profissional, proporcionando a genealogia acadêmica como legado.

Em contrapartida, salienta-se também o quanto o orientador pode dificultar significativamente na formação acadêmica do estudante. As barreiras de comunicação impostas, decorrentes inclusive da própria hierarquização desta relação, exteriorizam obstáculos, impactando na execução e na condução exitosa das produções científicas. Ademais, o pós-graduando que não recebe a orientação devida, sente-se abandonado, desorientado e desprovido do conhecimento prévio, são dificultadas as condutas que poderia estabelecer em seu estudo e no desenvolvimento de seu curso de pós-graduação.

Além de orientadores que não participam da vida acadêmica dos seus orientandos, há aqueles que participam, mas estabelecendo uma relação sem empatia. Como observado, os orientandos descrevem várias dificuldades com os orientadores, como: assédio moral e psicológico, críticas degradantes, orgulho exagerado com o poder, execução verticalizada de poder, dificuldade de comunicação e resistência para a construção de vínculo.

Nessa direção, nota-se que é preciso que o orientador realize a sua função de orientar, evidenciar os erros, acertos e se fazer presente em sua orientação. Caso contrário, este profissional pode ser o principal contribuinte para a evasão, declínio do programa de pós-graduação e também o protagonista no desencadeamento ou agravos de transtornos mentais em seu próprio orientando. Logo, torna-se essencial que os professores orientadores busquem orientar seus estudantes de maneira efetiva, ratificando o compromisso profissional que abarca o desenvolvimento intelectual, social e afetivo. Assim, os professores orientadores poderão desenvolver produções científicas exitosas e, conseqüentemente, exprimir seu legado de forma positiva e humanizada, por meio do cuidado emocional e da qualidade no ensino e na pesquisa para com os futuros docentes e pesquisadores do país.

Por conseguinte, para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar para outras instituições, públicas e privadas, com vistas à comparação e/ou generalização dos dados, de modo a colaborar na identificação de aspectos facilitadores e dificultadores na formação de pós-graduandos da saúde, sobretudo com ênfase na relação entre orientador e estudante. Sugere-

se, ainda, estudos interventivos por meio de estratégias que possibilitem a melhoria deste relacionamento tão importante para o desenvolvimento acadêmico-profissional e científico, treinamentos formais para orientadores e diretrizes claras para a supervisão no meio acadêmico.

## Referências

- Ahalli, S., Fort, E., Bridai, Y., Baborier, N., & Charbotel, B. (2022). Mental health and working constraints of first-year PhD students in health and science in a French university: a cross-sectional study in the context of occupational health monitoring. *BMJ open*, 12(6), e057679. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2021-057679>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carqueira, M. R. F., Costa, D. V. F., Paradelo, V. C., & Kirchmair, D. M. (2022). Trajetória de carreira: uma análise de profissionais com pós-graduação *stricto sensu* no âmbito da indústria farmacêutica nacional. *Revista de Carreiras e Pessoas*, 12(3), 456-477. <http://dx.doi.org/10.23925/recape.v12i3.53331>
- Costa, E. G., & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis, Revista Latinoamericana*, 17(50), 207-27. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>
- Costa, F. J., Sousa, S. C. T., & Silva, A. B. (2014). Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 11(25). <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2014.v11.638>
- Frates Cauduro, F. L., Prado, C., & De Jesus, R. F. (2019). Problemas e angústias vivenciados por pós-graduandos de enfermagem: uma análise à luz da empatia. *Temas em Educação e Saúde*, 15(1), 3-17. [10.26673/tes.v15i1.11938](https://doi.org/10.26673/tes.v15i1.11938)
- Gandra, T. K., & Rocha, J. A. P. (2019). Orientação acadêmica como espaço de integração intelectual, social e afetiva. *Informação em Pauta*, 4. <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41208.83-100>
- Guthrie, S., Lichten, C. A., Van Belle, J., Ball, S., Knack, A., & Hofman, J. (2018). Understanding mental health in the research environment: a rapid evidence assessment. *Rand health quarterly*, 7(3), 2. [https://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR2022.html](https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2022.html)
- Hilário, C. M., Castanha, R. F., & Grácio, M. C. (2017). A influência da genealogia acadêmica na colaboração científica: um estudo no campo da Matemática no Brasil. *Revista Guillermo de Ockham*, 15(2), 1-20. <https://doi.org/10.21500/22563202.3053>
- Khene, C. P. (2014). Supporting a humanizing pedagogy in the supervision relationship and process: A reflection in a developing country. *International Journal of Doctoral Studies*, 9, 73-83. <http://ijds.org/Volume9/IJDSv9p073-083Khene0545.pdf>
- Lopes, E. F. B., Souza, G. B., Silva, L. S. A., Galete, J., Cabanha, M. W. C., Oliveira, J. H. M., Vieira, A. S. C. S., Hairman, R. S., Menezes, I. R., Nakamura, L., Aoyagi, G. A., Assis, M. F. B. R., & Simões, E. A. P. (2020). A relação entre orientador e orientando no processo de produção científica. *Brazilian Journal of development*, 6(1). [10.34117/bjdv6n1-273](https://doi.org/10.34117/bjdv6n1-273)
- Medeiros, B. C., Rocha, F. A. F., Silva, R. C. L., & Danjour, M. F. (2015). Dificuldades do processo de orientação em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC): um estudo com os docentes do curso de administração de uma instituição privada de ensino superior. *Holos*, 5, 242-255. [10.15628/holos.2015.1011](https://doi.org/10.15628/holos.2015.1011)
- Minayo, M. C. de S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-26, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- Moreira, D. A. (2018). Prazer e sofrimento de docentes e discentes na pós-graduação *stricto sensu* em enfermagem. Tese de Doutorado em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ENFC-BA9HUD/1/danielle\\_de\\_ara\\_jo\\_moreira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ENFC-BA9HUD/1/danielle_de_ara_jo_moreira.pdf)
- Muraranza, C., Mtshali, N., & Bvumbwe, T. (2020). Challenges in postgraduate research supervision in nursing education: Integrative review. *Nurse education today*, 89, 104376. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2020.104376>
- Nascimento, L. C. N., Souza, T. V., Oliveira, I. C. S., Moraes, J. R. M. M., Aguiar, R. C. B., & Silva, L. F. (2018). Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with schoolchildren. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 228-33. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-061>
- Nóbrega, M. H. (2018). Advisers and their students in the 21st century: challenges for the graduate programs. *Educação & Realidade*, 43(3), 1055-1076. <https://doi.org/10.1590/2175-623674407>
- Santos, A. S., Perrone, C. M., & Dias, A. C. G. (2015). Adaptação à pós-graduação *stricto sensu*: uma revisão sistemática de literatura. *Psico-USF*, 20(1), 141-152. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200113>
- Tariq, M., Boulet, J., Motiwala, A., Saeed, S., Awan, S., Zehra, T., & Ali, S. K. (2021). Strengthening the feedback culture in a postgraduate residency program. *Education for health*, 34(3), 96-100. [https://doi.org/10.4103/efh.EfH\\_144\\_19](https://doi.org/10.4103/efh.EfH_144_19)
- Wadee, A. A., Keane, M., Dietz, T., & Hay, D. (2017). Review of effective PhD supervision - chapter five - the relationship between PhD candidate and supervisor. *Rozenberg Quarterly The Magazine*, <http://rozenbergquarterly.com/effective-phd-supervision-chapter-5-the-relationship-between-phd-candidate-and-supervisor>
- Young, S. N., Vanwyke, W. R., Schafer, M. A., Robertson, T. A., & Poore, A. V. (2019). Factors affecting PhD student success. *International journal of exercise science*, 12(1), 34-45. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6355122/pdf/ijes-12-1-34.pdf>